

CRENÇAS SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA EM INGLÊS: PESQUISA REALIZADA EM ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE ESTADUAL DE UM MUNICÍPIO GOIANO

Data de aceite: 02/01/2024

Adélia Maria Pereira Santos

Graduada em Letras Port./Ing.,
especialista em Ensino de Língua Inglesa,
Aluna Especial do Programa de Pós-
Graduação em Ensino para a Educação
Básica.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas das crenças sobre o ensino da gramática em relação ao processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa (LI). Trata-se de uma pesquisa Exploratório-descritiva, de cunho qualitativo. O local de realização da pesquisa foram duas escolas públicas, da Rede Estadual de Educação, de um município localizado no interior do estado de Goiás. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevistas estruturadas com seis questões, sendo esta, aplicada a cinco professores da disciplina de Inglês das duas instituições. Os dados foram analisados seguindo as orientações de Gil (2008). Os resultados apontam para crenças que consideram o ensino da gramática como sendo o melhor, se não o único, caminho para se ensinar a LI, em contexto formal de sala de aula. Conclui-se, no entanto, que é possível

aplicar a gramática do inglês de uma forma mais prazerosa para os estudantes, lançando mão de metodologias mais ativas, atividades lúdicas e recursos tecnológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa; crenças, ensino-aprendizagem, idioma.

ABSTRACT: This article aims to present some of the beliefs about the teaching of grammar in relation to the English Language teaching-learning process. This is an exploratory-descriptive research, of a qualitative nature. The place where the research was carried out were two public schools, part of the State Education Network, in a municipality located in the interior of the state of Goiás. Structured interviews with six questions were used as a data collection instrument, which was applied to five teachers of the English discipline of both institutions. The data were analyzed following the guidelines of Gil (2008). The results point to beliefs that consider the teaching of grammar to be the best, if not the only, way to teach English Language, in a formal classroom context. It is concluded, however, that it is possible to apply English grammar in a more enjoyable way for students, using more active methodologies, playful activities and

technological resources.

KEYWORDS: English Language; beliefs, teaching-learning, language.

1 | INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre crenças do ensino de inglês não é uma tarefa fácil devido ao fato de que o termo “crenças” remete a vários conceitos distintos e por autores variados. Há inclusive várias divergências de autores sobre seu significado e abrangência. Tomamos para o nosso texto uma definição mais ampla que considera como crença a visão dos aprendizes em relação ao processo de aprendizagem, o que eles “pensam sobre vários aspectos da aquisição de segunda língua” (kalaja, 1995, p. 192). Trataremos, portanto, sobre suas ideias, opiniões e expectativas sobre a maneira como se aprende um novo idioma.

Como essas crenças são individuais, cada estudante percebe seu processo de aprendizagem de uma forma diferente. O modo como aprendem têm relação com questões individuais, pedagógicas, metodológicas/didáticas. Há todo um contexto que interfere no processo de aprendizagem de uma língua. Nesse sentido o professor deve conhecê-los e ser capaz de escolher os meios mais eficientes de aplicar sua disciplina, tendo em mente uma turma heterogênea (Costa; Cavalcante, 2023).

Nossa hipótese, para esta pesquisa é a de que os professores refletem pouco sobre os meios de aprendizagem de sua turma e de sua própria aprendizagem de uma segunda língua. Acreditamos, também, que seja possível, assim como Costa e Cavalcante (2023) dizem, que o professor domine a língua e aplique metodologias efetivas e estratégicas para eliminar as crenças, mitos e falácias, que foram construídos no social, e que fazem os estudantes “prejulgarem” o ensino do Inglês. Por fim, espera-se que os professores dessa disciplina lancem mão de materiais didáticos, recursos e atividades lúdicas ajudando, assim, a melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, levantamos como objetivo para esta pesquisa compreender as crenças sobre o ensino da gramática em relação ao processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa (LI), sob as perspectivas dos docentes de duas escolas estaduais do estado de Goiás.

Antes disso, inicio descrevendo minha trajetória para que os leitores possam entender melhor meu lugar de fala. Ao iniciar meu curso de Pós-graduação no Ensino de Língua Inglesa, em uma universidade estadual de Goiás, tive acesso a várias disciplinas, adquirindo conhecimento sobre conteúdos diversificados. Dentre tantas disciplinas uma em específico chamou minha atenção, a disciplina “Crenças”.

A referida disciplina apresentava uma temática muito voltada para a maneira de pensar de cada pessoa e para o questionamento de como determinadas formas de pensamentos podem influenciar o processo ensino-aprendizagem de inglês. Comecei,

então, a questionar as abordagens utilizadas pelos meus professores durante os anos em que estudei inglês nas escolas públicas cursando os ensinos fundamental e médio, e, igualmente, as abordagens do curso de idiomas, em que recentemente havia me matriculado.

Percebi que o método áudio-lingual, utilizado nesse curso de idiomas, busca ensinar o aprendiz a habilidade oral da língua inglesa sem dar muita ênfase à gramática. Comecei a refletir sobre estes contextos de aprendizagem e percebi que nas escolas regulares a gramática era o foco, mas no curso de idiomas a fala é que se tornou o elemento principal.

Então, iniciou-se em mim uma autorreflexão. E minhas aulas? Como eram? Estas reflexões fizeram com que eu percebesse que mesmo desejando desenvolver em meus alunos a habilidade comunicativa, eu acreditava que a gramática era o ponto mais importante de uma língua, portanto eu deveria ensinar gramática. Não que eu não deva ensiná-la, mas o que eu acabara de perceber é que eu só ensinava gramática.

Minha crença de que se aprende inglês dominando as estruturas gramaticais estava sendo desmistificada. Então, resolvi me aprofundar mais na temática e pesquisar sobre crenças de professores. Era um caminho para identificar, compreender e, talvez, modificar minhas próprias crenças.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nunca se publicou tanto a respeito de crenças em relação ao processo ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE) no Brasil e no exterior (Barcelos, 2006). Contudo, grande parte dos estudos sobre crenças era feito por meio da aplicação de questionários fechados, principalmente o BALLI (Beliefs About Language Learning Inventory)¹, elaborado por Horwitz (1985), o qual não contemplava perspectivas que buscavam investigar o porquê de os aprendizes pensarem de uma determinada forma.

Neste sentido, as pesquisas acabavam por deixar o estudo limitado na elaboração de possíveis hipóteses que poderiam contribuir para a compreensão das crenças dos participantes. Nesse primeiro momento, as investigações sobre esse tema ignoravam o aprendiz. As discussões sobre crenças tiveram início a partir de mudanças de paradigmas dentro ensino de LE (Nascimento; Oliveira; Oliveira, 2020).

Em um segundo momento, os estudos sobre crenças enfocaram o conhecimento metacognitivo. O aluno passa a ser parcialmente considerado como “ser que pensa e que interage com seu ambiente” (Barcelos, 2004, p. 13).

Já em um terceiro momento, Barcelos (2004) demonstra o elemento “contexto” como um importante recurso nas pesquisas sobre crenças. Segundo a autora, os estudos sobre crenças precisam considerar tanto o aluno, quanto o contexto, como a cultura.

Conhecer a distinção entre os sistemas de crenças e os sistemas de conhecimento

¹ Disponível em: https://tesolresourcesab.weebly.com/uploads/7/8/0/9/7809577/theory_viewbook_item_15.pdf

do professor, segundo Abelson (1979) e Nespor (1987), também é importante. Para esses autores, as crenças são mais influenciáveis do que o conhecimento na forma como as pessoas organizam e definem tarefas e problemas, pois predizem o comportamento.

Barcelos (2004) afirma que lidamos com seres humanos que são complexos por natureza, portanto suas ações e crenças são constituídas de maneira dinâmica e interativa. Kalaja (1995) acrescenta que crenças são construídas socialmente, são interativas, sociais e variáveis. Gil (2005) aponta para a importância de os professores questionarem sobre suas crenças. Partimos, portanto, do princípio de que as crenças que giram em torno da aprendizagem de línguas são muitas.

Segundo Sadalla (1998, p. 34), crenças representam uma matriz de pressupostos que dão sentido ao mundo, não sendo apenas, um mero reflexo da realidade, mas sim vão sendo construídas na experiência, no percurso da interação com os demais integrantes desta realidade. Costa e Cavalcante (2023) explicam que, muitas das crenças que temos sobre aprender uma segunda língua vem da frustração de pessoas que tentaram aprender e não conseguiram, ou de uma expectativa de aprender em um tempo recorde. Ambos os casos fogem do científico e gera na sociedade “mitos e falácias” que se espalham impedindo ou atrapalhando o aprendizado de outros sujeitos.

Na tentativa de melhor compreender o contexto da aprendizagem e o papel desempenhado por seus atores (professores e alunos) Barcelos (2006) e Coelho (2006) têm se preocupado com os estudos sobre crenças por acreditar que, quando ambas as partes envolvidas no processo escolar são capazes de refletir e compreender suas crenças, ações mais eficazes poderão ser desenvolvidas, o que pode criar melhores condições para que a aprendizagem também o seja.

Finalmente, em relação ao ensino da gramática, Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), afirmam que metalinguagem é bastante utilizada pelos professores. Contudo, os autores acrescentam que esta função da linguagem deve ser usada apenas como um recurso para explicar e descrever a gramática e não como sendo o próprio objeto de ensino.

Alves (2021) considera que a gramática é parte fundamental do processo de aprendizagem de uma segunda língua. O autor enfatiza ainda, que o professor que não domina a gramática “apresenta dificuldades orais, de comunicação e escrita horrenda” (p. 1). Além disso, afirma que “Quanto maior for o domínio gramatical e morfológico do professor, melhores serão os resultados obtidos pelos alunos, seja qual for a instituição” (p. 3).

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva de abordagem qualitativa. Segundo Gil (2008, p. 27) as “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

Somadas à pesquisa descritiva que pormenoriza “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28). Este estudo segue uma abordagem qualitativa buscando analisar as ideias e opiniões dos participantes sobre as crenças no ensino da LI.

Participaram da pesquisa cinco professores de LI do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) de duas escolas da Rede Pública Estadual de um município do interior de Goiás. Três deles pertencem à escola, que neste estudo, denominaremos de Escola A e dois trabalham na escola que chamaremos de Escola B. Quanto aos participantes, eles serão identificados como PA, PB, PC, PD e PE.

Como instrumento de coleta de dados, optamos pela utilização de uma entrevista semiestruturada. Gil (2008) entende como sendo aquela em que estabelece questões norteadoras, mas que ao longo da conversa, vão surgindo novas questionamentos. Foram elaboradas seis questões abertas.

Acreditamos que este instrumento de coleta de dados propiciou aos participantes a oportunidade de expressarem de forma mais livre suas opiniões e pensamentos a respeito do ensino da gramática durante o processo ensino-aprendizagem de LI. Antes de responderem a estas perguntas, os professores foram devidamente informados sobre as questões éticas da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE).

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para analisar os dados coletados fizemos uso da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). A autora sugere que o conteúdo seja analisado considerando uma pré-análise onde se sistematiza as ideias; a exploração do material em que há a sistematização de decisões e seleções; e o tratamento dos resultados onde se faz categorizações, inferências e interpretações.

Com base nisso, criamos cinco categorias, organizadas em cinco quadros, em que cada um fala de uma crença diferente dos professores em relação ao ensino da LI. Portanto, nesta seção, apresentamos as crenças relacionadas ao ensino de gramática dos cinco participantes.

Notamos, no Quadro 1, que ao afirmar que é necessário ter o domínio da gramática e de um amplo vocabulário para saber a LI, mas que a criança consegue se comunicar corretamente, mesmo não sabendo a gramática da língua, PA revela sua crença de que, em contexto de sala de aula, o processo ensino-aprendizagem da LI só é possível dominando a estrutura gramatical e o léxico, mas em ambiente natural esta aprendizagem se torna possível.

Escola A: Professor A - Crença de que em contexto de sala de aula só é possível aprender a LI dominando sua estrutura gramatical, porém em ambiente natural esta aprendizagem é possível	
O que é saber língua inglesa para você?	É você ter o domínio da gramática e um amplo vocabulário.
Você acredita que só se aprende uma segunda língua se souber a gramática? Comente.	Não. Pode aprender o inglês para comunicar, porque a criança pode aprender o inglês sem saber corretamente a gramática. ”

Quadro 1 - Primeira Crença

Fonte: Organizado pela Autora (2023).

Provavelmente, para PA, a sala de aula não se constitui em um contexto adequado para o desenvolvimento das habilidades comunicativas, portanto, um caminho para a aprendizagem da LI seria o ensino da gramática. Esta crença implica que PA parece não trabalhar em suas aulas abordagens comunicativas de ensino, centrando suas aulas no ensino de estruturas gramaticais, o que corrobora com as afirmações de Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) de que a função metalinguística é utilizada pelos professores como sendo o próprio objeto de ensino da língua.

Já no Quadro 2, ao afirmar que a aprendizagem de uma segunda língua depende do convívio contínuo, PB revela a crença de que só se aprimora a habilidade comunicativa em língua inglesa se houver uso contínuo desta língua. Podemos observar que a experiência pessoal de PB, ter morado nos EUA, influencia sua crença, pois neste país PB pode comunicar-se na LI, e provavelmente, testar se as estruturas que utilizava estavam apropriadas ou não.

Escola B: Professor B – Crença de que se aprimora a habilidade comunicativa em língua inglesa por meio do uso contínuo desta língua e independentemente do conhecimento de suas estruturas gramaticais.	
Como você aprendeu inglês (método)? Em escola pública ou em escola de idiomas?	O primeiro contato foi em uma Escola Regular e posteriormente me aprimorei nos EUA, onde vivi por 2 anos.
Você acredita que só se aprende uma segunda língua se souber gramática? Comente.	Não. A aprendizagem de uma L2 depende do convívio contínuo com a mesma, as dúvidas que surgirem são sanadas com o tempo.

Quadro 2 - Segunda Crença

Fonte: Organizado pela Autora (2023).

PB parece acreditar que a aprendizagem é um processo contínuo, em que dúvidas de uso da LI surgirão, mas poderão ser resolvidas. Quando menciona que dúvidas surgirão, deixa implícito que a gramática é parte da língua, e sua aprendizagem pode estar aliada ao uso comunicativo desta língua. Esta crença do professor entrevistado vai ao encontro do estudo desenvolvido por Barcelos (2001), pois PB construiu esta crença interagindo com o contexto social em que estava imerso. Do mesmo modo, esta crença também

corroborar com a pesquisa de Nisbett e Ross (1980), os quais afirmam que o ambiente e as circunstâncias influenciam na formação de crenças.

No Quadro 3, PC ao afirmar que sem a gramática não se pode falar ou escrever corretamente revela a crença de que para ele a aprendizagem da gramática é relevante. Da mesma forma que PB, a experiência de PC, enquanto aluno de LI, influenciou a construção de sua crença. Esse dado comprova os estudos realizados por Abelson (1979) e Nespôr (1987), de que as crenças podem influenciar mais do que o conhecimento formal no modo como as pessoas organizam e definem tarefas e problemas, pois elas podem prever o comportamento.

Escola B: Professor C – Crença de que a aprendizagem de estruturas gramaticais é importante para se aprender LI corretamente.	
Para você é importante saber gramática para ensinar língua inglesa? Por quê?	Sim, pois sem a gramática não se pode falar ou escrever corretamente.
Você acredita que só se aprende uma segunda língua se souber a gramática? Comente.	Acho que sim. Eu só aprendi a falar inglês com a gramática inserida ao meu estudo, então eu acho que sim.

Quadro 3 - Terceira Crença

Fonte: Organizado pela Autora (2023).

Neste caso, a afirmação “Eu só aprendi” define que PC enfrentou problemas com a aprendizagem da LI, o qual foi resolvido com a inserção da gramática. Portanto, o comportamento atual do entrevistado, revelado por suas colocações, permite-nos inferir que PC acredita que o ensino da gramática é um caminho eficaz para a aprendizagem da LI.

No Quadro 4, PD, ao salientar a aprendizagem de gramática contextualizada, parece acreditar que a gramática permeia todos os recursos utilizados para o processo ensino-aprendizagem de LI, contudo ao afirmar que saber LI é expressar, ler e compor textos, nos quais possamos nos comunicar, o professor revela sua crença de que a aprendizagem de gramática ocorre durante o estudo do texto.

Escola A: Professor D – Crença de que a aprendizagem de gramática ocorre no estudo do texto.	
Para você, é importante saber gramática para ensinar língua inglesa? Por quê?	Não, pois podemos aprender a gramática contextualizada.
O que é saber língua inglesa para você?	É saber se expressar, ler e compor textos, nos quais possamos nos comunicar.

Quadro 4 - Quarta Crença

Fonte: Organizado pela Autora (2023).

Provavelmente, PD ensine aos seus alunos utilizando textos, e, a partir deles, insira

o ensino da gramática ou, talvez ele nem mencione as estruturas gramaticais, pois ele parece acreditar que a aprendizagem destas pode ocorrer pelo estudo do texto em si, sem necessariamente explicitá-la. Conforme salienta Barcelos (2006) e Coelho (2006), seria necessário um estudo da prática de PD para compreender esta crença no processo escolar e, se necessário, propor ações que contribuam para a aprendizagem da LI dos alunos de PD.

No Quadro 5, PE acredita que a aprendizagem de LI deve ter como primeiro ponto a prática da pronúncia, seguido pelo empenho e pela dedicação do aprendiz e, pela aprendizagem da gramática. Tal enumeração proporciona-nos inferir que PE foca suas aulas na pronúncia, provavelmente de vocábulos isolados ou de sentenças, já que ele não menciona a interação como sendo importante para a aprendizagem da LI. Para este participante, a gramática pode ser ensinada, caso este ensino ocorra após o ensino da pronúncia.

Escola A: Professor E – Crença de que a pronúncia é o fator mais relevante na aprendizagem de LI, sendo a gramática um elemento secundário.	
Você acredita que só se aprende uma segunda língua se souber a gramática? Comente.	Não necessariamente, pode-se aprender a pronúncia primeiro e, em seguida, a gramática.
O que é o mais importante para se aprender uma segunda língua?	Empenho e dedicação e também praticar a pronúncia.

Quadro 5 - Quinta Crença

Fonte: Organizado pela Autora (2023).

Provavelmente, PE trabalha com a repetição de sentenças, sem mencionar a seu aluno qual forma gramatical estrutura tais sentenças. Esta abordagem de ensinar pode favorecer alguns aprendizes que compartilham desta crença de PE, contudo pode prejudicar outros que necessitam compreender a estrutura gramatical para compreender a LI. Gil (2005) alerta para a importância de os professores questionarem sobre suas crenças. No caso de PE, seria importante que ele refletisse sobre esta crença e, caso ela esteja influenciando em sua prática, de que forma esta influência está ocorrendo.

Ao final encontramos, portanto, cinco crenças: 1) no contexto de sala de aula só é possível aprender a LI dominando sua estrutura gramatical, porém em ambiente natural esta aprendizagem é possível; 2) se aprimora a habilidade comunicativa em língua inglesa por meio do uso contínuo desta língua e independentemente do conhecimento de suas estruturas gramaticais; 3) a aprendizagem de estruturas gramaticais é importante para se aprender LI corretamente; 4) a aprendizagem de gramática ocorre no estudo do texto; 5) a pronúncia é o fator mais relevante na aprendizagem de LI, sendo a gramática um elemento secundário.

Independente da crença, o que se percebeu nesse estudo é que a gramática tem

seu valor no processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua. Outro ponto importante é que a quantidade de gramática ofertada tem relação do lugar ou contexto em que é ensinada, como por exemplo, é diferente ensinar inglês em um cursinho e em uma sala de aula de ensino regular.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado permitiu-nos conhecer mais sobre o ensino da LI, bem como sobre as crenças e os saberes dos professores implicados no processo de ensinar e aprender uma LE. Reconhecemos que por ser uma pesquisa exploratória, os dados coletados são ínfimos, diante da dimensão da temática, e merecem maior amplitude, porém nos levam a reflexões importantes para o ensino de inglês em escolas regulares.

O estudo contribuiu para que percebêssemos que as crenças podem intervir de vários aspectos. Além disso, percebemos que cada professor possui sua crença, que é originada da cultura onde vive e as vezes ela influencia na maneira do professor ministrar suas aulas.

Conhecer as crenças dos professores de inglês sobre a gramática, que participaram deste estudo, me fez entender melhor sobre a minha maneira de ensinar, tornando possível uma melhor interpretação de minhas crenças e onde elas interferiam positiva e negativamente.

Propiciou, ainda, uma mudança na qual venho me adaptando. Pois, hoje não vejo a gramática explícita como primordial, mas, acredito que podemos ensiná-la inserida em outras estruturas de ensino. É possível, por meio de metodologias mais ativas, atividades lúdicas e recursos tecnológicos aprender inglês de forma prazerosa e com a gramática aplicada de modo subjetivo.

Enfim, o estudo permitiu reflexão e mais conhecimento teórico para defendermos aquilo que acreditamos sobre o processo de ensino. Acreditamos, então que uma vez que se conhece suas próprias crenças, conhece-se um pouco mais de seu papel como professor(a) de LI.

REFERÊNCIAS

ABELSON, R. Differences between belief systems and knowledge systems. **Cognitive Science**. n. 3, p. 355-366, 1979.

ALVES, G. C. Estudo da Língua Inglesa: desvendando os métodos utilizados nos cursos de língua inglesa para jovens. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 32, p. 1-6 ago. 2021.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de Pesquisa das crenças sobre Aprendizagem de Línguas: Estado da Arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *In*: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (orgs.). **Crença e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 15-42.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CELCE-MURCIA, M.; LARSEN-FREEMAN, D. **The Grammar Book: An ESL/EFL Teacher's Course**. USA: Heinle & Heile, 1999.

COSTA, L. M. L.; CAVALCANTE, L. R. Ensino de Língua Inglesa: mitos, crenças e falácias. *In*: GUTERRES, Ione da Silva; OLIVEIRA, Josélia de Jesus Araújo Braga de. **Diálogos Interdisciplinares na Educação Básica**. São Paulo: Editora Científica Digital, 2023, p. 85-102.

COELHO, H. S. H. “É possível aprender inglês na escola?” Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas. *In*: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (orgs.). **Crença e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 125-143.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GIL, G. A gramática e o ensino da gramática: um estudo qualitativo das crenças e prática de professores de inglês – LE. *In*: GIL, G. (org.). **Pesquisas qualitativas no ensino e aprendizagem de língua estrangeira: a sala de aula e o professor**, Florianópolis: UFSC, 2005. p. 167-189.

HORWITZ, E. K. Using Student Beliefs about Language Learning and Teaching in the Foreign Language Methods Course. **Foreign Language Annals**, v. 18, n. 4, p. 333-340, 1985.

KALAJA, P. Student beliefs (or metacognitive knowl-edge) about SLA reconsidered. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 5, n. 2, p.191-204, 1995.

NASCIMENTO, N. M.; OLIVEIRA, F. E.; OLIVEIRA, M. N. Crenças sobre o Ensino-Aprendizagem de Línguas: um panorama das dissertações produzidas no Brasil. **Revista Trama**, v. 16, n. 37, p. 71-83, 2020.

NESPOR, J. The role of beliefs in the practice of teaching. **Journal of Curriculum Studies**, n.19, p. 317-328, 1987.

NISBET, R.; ROSS, L. **Human Interference: strategies and shortcomings of social judgement**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1980.

SADALLA, A. M. F. A. **Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações**. Campinas: Alínea, 1998.